

FERNANDA CARVALHO

A RE-CONSTRUÇÃO DO ESPAÇO ATRAVÉS DA LUZ

Artigo escrito a partir da Dissertação apresentada à Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Arquitetura e Urbanismo

Orientador: Prof. Dr. Silvio Melcer Dworecki

São Paulo

2013

Em 2011 concluí a dissertação de mestrado “A construção do espaço através da luz: uma leitura da obra de Dan Flavin” sob a orientação do professor Silvio Dworecki, na FAU USP. O ponto de partida para esta pesquisa surgiu da necessidade de buscar modos de explorar o conhecimento que se tem sobre a presença da luz no espaço que complementem o universo do design, de abordar a luz como elemento de construção da tridimensionalidade e de entender melhor sua relação com o observador. Este artigo consiste em um breve resumo da dissertação, procurando despertar o interesse do leitor para novas leituras acerca das potencialidades espaciais da luz.

Após a pesquisa de diversas formas de utilização da luz, entre designers e artistas, decidimos fazer o recorte a partir de uma experiência na arte que julgamos rica o suficiente para proporcionar diversas visões deste fenômeno e suas complexidades. O artista escolhido para uma leitura mais aprofundada foi Dan Flavin, por percebermos que a riqueza visual e conceitual de sua obra nos permitiria uma leitura múltipla, levantando diversos aspectos importantes para a atividade do designer da Iluminação.

Aquela dissertação se organizou com o objetivo de realizar uma leitura da obra de Dan Flavin: em torno de 750 trabalhos realizados quase que exclusivamente com lâmpadas fluorescentes, com uma abordagem de interesse para a atividade do design da Iluminação. Para tanto, foi necessário realizar a leitura da extensa obra do artista e do contexto da arte dos anos 60.

DAN FLAVIN

Dan Flavin (1933-1996) constrói espaços através do uso exclusivo de lâmpadas fluorescentes. Este é o aspecto de sua obra que mais interessa a este artigo. A escolha de um único material emissor de luz e suas variações (cores, formas e tamanhos), portanto limitando-se tecnicamente, é uma atitude que impressiona ao descobrirmos a infinidade de poéticas e resultados luminosos alcançados.

Além de ser instigante a comparação entre a simplicidade do material utilizado e a riqueza visual e poética atingida na obra de Dan Flavin, a lâmpada fluorescente é um objeto que participa da nossa vida cotidiana. Em casa, no trabalho, em lojas, estamos diante dos tubos de fluorescente e não os notamos. Estamos constantemente envolvidos pelo espaço revelado por eles.

O interesse primeiro da construção do espaço através da luz se desdobra em diferentes aspectos que também participam do Design da Iluminação, tais como: o comportamento da luz no espaço; sua comunicação com o homem-observador; a utilização da lâmpada como objeto e sua disposição no espaço.

O designer da Iluminação conhece cada uma desses aspectos. O comportamento físico da luz emitida por fontes artificiais é conhecido através de uma série de parâmetros: fluxo luminoso, intensidade luminosa, grau de abertura do fecho da fonte, temperatura de cor, reprodução de cor etc. Mas há um outro tipo de conhecimento sensorial que depende da experiência individual. É neste campo, subjetivo, não numérico e não mensurável, que a obra de Flavin nos coloca.

Flavin começou a usar a lâmpada fluorescente nua, desprovida de qualquer alteração, como único material para sua obra em 1963 e continuou até sua morte em 1996. Foram 33 anos experimentando o comportamento da luz que emana do tubo luminoso. O artista partiu de um único material – a lâmpada fluorescente – em poucas variações: cinco formatos (quatro tamanhos de tubos – 61, 122, 183 e 244 cm e um formato circular), seis cores (pink, amarelo, vermelho, verde, azul e ultravioleta) e quatro tons de branco (mor-



[1] Vista da instalação da exposição Dan Flavin: Series and Progressions na galeria David Zwirner, em Nova York, EUA, 2009

no, branco frio, luz do dia e branco suave).

Em cada uma de suas propostas, Flavin explorava o posicionamento da lâmpada no espaço em vários aspectos: a posição da linha luminosa; a propagação da cor pelas paredes adjacentes e pelas paredes mais distantes; a gradativa diluição desta energia pelo espaço; o impacto desta energia atingindo os olhos do espectador [imagem 1].

Além do interesse no objeto lâmpada e no fenômeno luz utilizados por Flavin, há outros aspectos curiosos para o designer da Iluminação. Os trabalhos são criados seguindo um sistema definido, ora partindo de um local que o define, como os trabalhos site-specific, ora impondo uma progressão aplicável em diversos locais. A infinitude da composição e a sistematização e modulação das lâmpadas no espaço configuram um sistema inesgotável.

Na cidade de Bridgehampton, NY, podemos apreciar a obra de Dan Flavin graças à iniciativa da instituição DIA Foundation, que permitiu que Flavin criasse um museu exclusivamente para abrigar algumas de suas obras, no chamado THE DAN FLAVIN ART INSTITUTE.

O espaço expositivo foi desenhado por Flavin para abrigar dez obras, sendo nove em luz fluorescente e um desenho, concebidas entre 1963 e 1981. Trata-se, portanto, de uma mostra panorâmica de trabalhos individuais do artista. Essa é a única montagem existente cujo leiaute foi originalmente concebido por Dan Flavin. Outras exposições permanentes existentes atualmente – Dia:Beacon, em Beacon, NY, e Projeto Marfa, no Texas – foram realizadas sem o acompanhamento

do artista, após a sua morte.

LUGARES DA ARQUITETURA: UM CANTO E UMA BARREIRA

Ler a obra de Flavin é relacionar-se com o espaço a partir de referências subjetivas. Esse é o ponto de partida para a descrição que faço a seguir de duas obras instaladas no THE DAN FLAVIN ART INSTITUTE.

A segunda obra na sequência prevista por Flavin na principal sala de Bridgehampton ocupa um canto, um encontro entre paredes perpendiculares. Ao mesmo tempo em que o ilumina faz com que desapareça. Na obra *untitled*, 1976, Flavin encosta o canto superior do tubo de fluorescente na parte de cima e deixa a parte inferior afastada, como um gesto cotidiano de encostar um objeto em um canto [imagem 2].

Uma lâmpada pink de 244 centímetros está voltada para a frente e duas – uma verde de 61 e uma azul de 183 centímetros – estão voltadas para trás e iluminam o canto da parede. O resultado da luz emitida neste canto cria um triângulo de luz nas paredes adjacentes misturando as cores emitidas e todas as nuances das suas misturas.

À medida que observamos a obra vamos lentamente percebendo cores resultantes da mistura das cores originais da lâmpadas. A impressão é de que um arco-íris se forma ao longo do tempo. Se fixarmos por mais tempo o olhar, essas nuances vão desaparecendo, pois, de tanto se fundirem,

resultam em uma única cor em degradê. O passeio do olhar sobre a obra revela infinitas combinações de cor, pois a percepção se transforma a cada segundo.

Ao utilizar os cantos, segundo texto de Tiffany Bell no pôster de apresentação do Instituto, Flavin integra diretamente sua obra com a arquitetura que construiu. Além dos cantos criados por Flavin para abrigar estes trabalhos, foram construídos corredores para as obras, apelidadas de barreiras pelo próprio artista. As barreiras interrompem o corredor construído, deixando frestas para a passagem da luz que inunda a metade oposta. Dois trabalhos deste tipo estão em Bridgehampton.



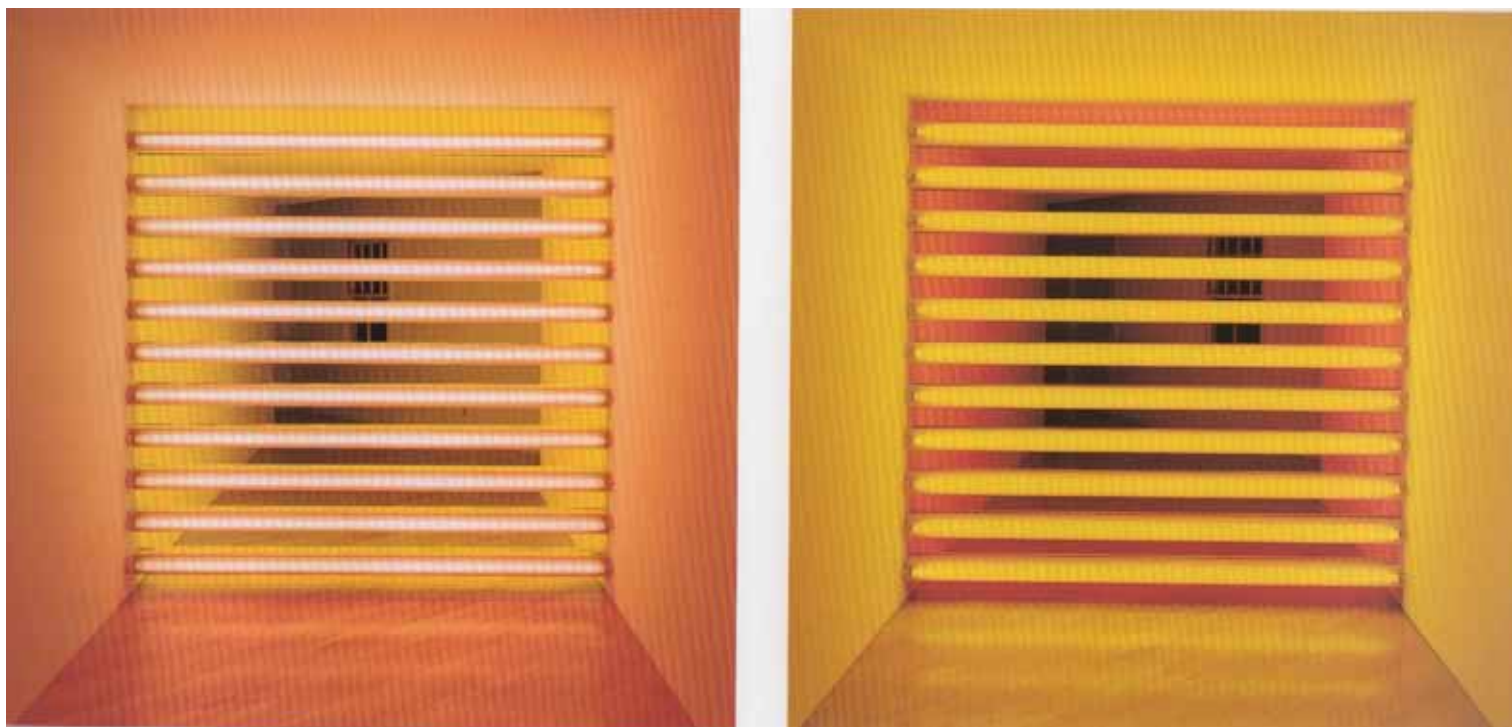
[2] *untitled*, 1976.
Fluorescente pink 244
cm, verde 61 cm e
azul 183 cm. Dia Art
Foundation

O primeiro é untitled (to Robert, Joe and Michael), 1975-81, que ocupa um corredor quadrado de 244 X 244 centímetros, altura exata da lâmpada maior, nas cores pink e amarelo. Cada cor está voltada para um lado do corredor, formando uma cela em que podemos ver o outro lado do corredor, mas não atravessá-lo [imagem 3].

A cor pink das lâmpadas voltadas para a frente vai, com o tempo, se misturando com o amarelo da luz por trás da barreira. Aos poucos a visualização do pink vai se transformando em salmão ou pêssego, que passa a ser nossa resultante da interação do pink com o amarelo.

Sem olhar diretamente para as lâmpadas, mas só para sua reflexão, é a cor pêssego que resulta nos anteparos, paredes e teto. Tão forte quanto a obra, são as reflexões da luz por todo o espaço expositivo. A luz extrapola o espaço ocupado pela obra invadindo toda a sala e promove a interação entre reflexões, constituindo um jogo cromático diferente em cada lugar. Quanto mais perto da obra, mais intensa é a aparência da cor da lâmpada. À medida que o observador se afasta, a intensidade diminui, tornando a cor mais suave e suscetível à invasão das cores emitidas pelas lâmpadas vizinhas.

A distância em que o observador se encontra é um dado que altera total-



[3] untitled (to Robert, Joe and Michael), 1975-81. Fluorescente pink e amarela, 244 cm. Dia Art Foundation

mente a percepção da obra. Observando de longe, a obra aparece como uma tela de projeção emissora de imagens. De perto, o observador se sente encapsulado pela cor emitida, e a frequência da luz exerce uma espécie de força à qual estamos submetidos. Ao mesmo tempo que atrai, incomoda, tamanha a intensidade com que a luz emitida atinge nossos olhos e corpo.

UM NOVO ESPAÇO CONSTRUÍDO ATRAVÉS DA LUZ

Após mais de 50 anos desde que Flavin começou a produzir suas peças com luz (1961), é possível uma análise da relevância que os aspectos trazidos pela obra podem ter na atividade do designer da Iluminação. É através da leitura das obras que o trabalho de Flavin se revela como um grande laboratório de experiências extremamente relevantes para o Design da Iluminação.

O espaço se compõe de características físicas específicas do lugar somadas a fatores que alteram sua percepção. E um desses fatores é a luz. Sendo ela um instrumento poderoso na comunicação subliminar com o observador, Flavin nos mostra como a luz pode trazer informações concretas e sutis não só ao espaço mas à percepção do espaço em relação ao indivíduo. Flavin constrói um espaço ideal em que o indivíduo, nele inserido e sob seus domínios, o altera e é alterado por ele.

Portanto, o espaço da arte produzida por Flavin soma ao espaço concre-

to a impressão da luz no espaço e, principalmente, a impressão na luz no observador que, sob seus domínios, também produz um novo espaço. É no território da produção do espaço através da luz que o designer da Iluminação trabalha. Daí a pertinência de conhecer uma obra tão rica em experiências com a luz como é a de Dan Flavin.

A íntegra da dissertação “A construção do espaço através da luz: uma leitura da obra de Dan Flavin” encontra-se disponível nas bibliotecas da FAUUSP e no link: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16134/tde-11012012-112335/pt-br.php>

REFERÊNCIAS

- ALBERS, Josef. Interaction of Color. New Haven: Yale University Press, 1975.
- ARGAN, Giulio Carlo. Arte Moderna, Firenze: Sansoni, 1992.
- BATTCKOCK, Gregory. Minimal Art: a Critical Anthology. London: Studio Vista, 1969.
- BRANDSTON, Howard M. Aprender a ver. A Essência do Design da iluminação. Tradução Paulo Scarazzato. São Paulo: De Maio Comunicações, 2010.
- DWORECKI, Silvio. Em Busca do traço Perdido. São Paulo: Edusp, 1998.
- FARIAS, Agnaldo A. C. Esculpindo o espaço. A escultura contemporânea e a busca de novos modos de relação com o espaço. Tese de doutorado FAUUSP, 1997.
- FERRARA, Lucrecia D'Alessio. Leitura sem palavras. São Paulo, Ática, 1981.
- FELDMAN, Paula e SCHUBERT, Karsten - It is what it is - writings on Dan Flavin since 1964. New York: Thames and Hudson, 2004
- GOVAN, Michael e BELL, Tiffany. Dan Flavin: The Complete Lights, 1961-1996. Washington: National Gallery of Art, 2004.
- ITTEN, Johannes. The Art of Color: The subjective Experience and Objective Rationale of Color. Translated by Ernst van Haagen. New York: Van Nostrand Reinhold, 1973.
- JOSEPH, Branden W. Random Order. Robert Rauschenberg and the Neo-Avant-Grade. London: An October book, 2007.
- KAYE, Nick. Site-specific art. Performance, Place and Documentation. Oxon: Routledge, 2000.
- KWON, Miwon. One Place After Another: Site-specific Art and Locational identity. Cambridge: MIT Press, 2002.
- LEFEBVRE, Henri . The Production of Space. Oxford : Blackwell, 2001.
- LIPPARD, Lucy. Six Years: The dematerialization of the art object from 1966 to 1972. London: Studio Vista, 1973
- MERLEAU-PONTY, Maurice. O Olho e o espírito. Tradução de Paulo Neves e Maria Ermantina Galvão Gomes Pereira. São Paulo, Cosac-Naify, 2004.
- MOHOLY-NAGY, László. The New Vision, from material to Architecture, 1928. Quarta Edição e Abstract of an artist. New York : Wittenborn, Schultz, 1949, c1947.
- _____. Do Material à Arquitetura. Tradução Pedro Sussekind. Barcelona, Gilli: 2005.
- TANIZAKI, Junishiro. Em louvor da sombra. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- WEIBEL, Peter e JANSEN, Gregor. Light Art From Artificial Light. Ostfildern: Hatje Cantz Verlag, 2006.
- WEISS, Jeffrey. Dan Flavin: New Light. Washington:Yale University, 2006

CATÁLOGOS

BELL, Tiffany et al. Dan Flavin: Series and Progressions. [catálogo da exposição] New York: David Zwirner, 2010.

FAI - FONDO PRE L'AMBIENTE ITALIANO. Dan Flavin: Rooms of Light. Works of the Panza Collection from Villa Panza, Varese and The Solomon R. Guggenheim Museum New York [catálogo da exposição]. Milano: Skira, 2004.

FLAVIN, Dan. fluorescent light etc. from Dan Flavin. [catálogo da exposição] Ottawa: National Gallery of Canada, 1969.

GOVAN, Michael e BELL, Tiffany. Dan Flavin: a Retrospective [catálogo da exposição]. New York: DIA Art Foundation, 2004.

RAGHEB, J. Fiona. Dan Flavin: The Architecture of Light. [catálogo da exposição] Berlin: Deutsche guggenheim Berlim, 1999.

THIEROLF, Corina; VOGT, Johannes. Dan flavin: Icons. [catálogo da exposição] Munich: Schirmer/Mosel, 2009

DIA Art Foundation. The Dan Flavin Art Institute, [Fôlder de exposição] Bridgehampton: DIA, 2010.

ARTIGOS

FLAVIN, Dan. ...in daylight or cool white: an autobiographical sketch. In GOVAN e BELL.

_____. some remarks... excerpts from a sleenish journal. Artforum 5 nº4 dezembro, 1966 pgs. 27-29

_____. some other comments... more pages from a sleenish journal. Artforum 6 nº 4 Dezembro 1967 pgs. 20-25

_____. ... on an American artist's education... Artforum 6 nº 7 1968. pgs. 28-32

_____. Several more remarks... Studio International vol. 177 nº910. Abril 1969 pgs. 173-175

JUDD, Donald. Specific Objects. In Donald Judd: Complete Writings 1959-1975. New York, New York University Press, 1975 pgs. 181-189.

_____. Aspects of Flavin's Work. In Donald Judd: Complete Writings 1959-1975. New York, New York University Press, 1975 pgs. 199-200.

BROWN, Mick. Tubular belles. In <http://www.telegraph.co.uk/culture/art/3649295/Tubular-belles.html> em 08/10/2010

THE PULITZER FOUNDATION FOR THE ARTS. Flavin in St. Louis: An Interview with Emily Rauh Pulitzer, by Tiffany Bell. In <http://flavin.pulitzerarts.org/#/interviews/>

Translations in context of "atravãs do espaão" in Portuguese-English from Reverso Context: Monitoriza o nosso movimento atravãs do espaão.â Nada se pode mover atravãs do espaão mais depressa do que a luz. Nothing can move through space faster than light. Deste ponto de vista externo, o objeto pode se mover-se instantaneamente atravãs do espaão. Arquitectura Re(a)presentada no trabalho de FG+SG por Fabrãcia Valente. ver destaque / view article. Falar de representaãão em Arquitectura pode conduzir-nos à leitura dos modelos institucionalizados que periodicamente expãem e debatem os diferentes contextos da disciplina, como são exemplo as grandes bienais internacionais, que dão lugar a espaãos expositivos que tambãm lanãam a questão de como representar Arquitectura. Não havendo a possibilidade de ler a Arquitectura atravãs da vivãncia dos espaãos construãdos ã, de facto, a partir de documentos que conhecemos as suas obras.